



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo Corto

2021

Skare Nils

A Transferência Literária em 'Slow Learner' de Thomas Pynchon

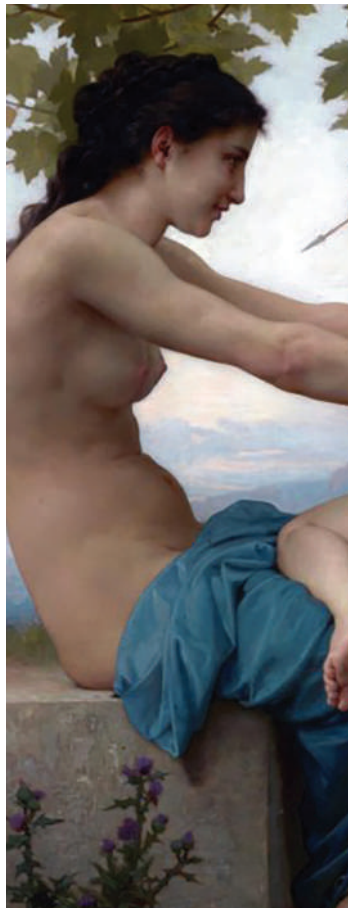
Revista Affectio Societatis, Vol. 18, N.º 34, enero-junio de 2021

Art. # 9 (pp. 1-18)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia

Medellín, Colombia

ARTÍCULO CORTO



A TRANSFERÊNCIA LITERÁRIA EM *SLOW LEARNER* DE THOMAS PYNCHON

Nils Goran Skare¹
L-Dopa Publicações, Brasil
nils.skare@gmail.com

DOI: 10.17533/udea.affs.v18n34a

Resumo

Este artigo explora o conceito de transferência da psicanálise no campo da teoria literária. Formulamos o conceito de transferência através do ensinamento de Jacques Lacan. Feito isso, procedemos à leitura de *Slow Learner* de Thomas Pynchon, tendo em mente a operacionalidade deste fenômeno. Localizamos um sintoma em/de nossa leitura, problematizamos a transferência literária e defen-

demos que o inconsciente é aquilo que não cessa de não se escrever. Discutimos essa formulação e exploramos a escrita como *sinthome*. Concluímos falando da transferência negativa e abrindo para a importância política do letramento.

Palavras-chave: leitura, transferência, inconsciente.

LA TRANSFERENCIA LITERARIA EN *SLOW LEARNER* DE THOMAS PYNCHON

Resumen

En este artículo se explora el concepto de transferencia del psicoanálisis en el ámbito de la teoría literaria. For-

mulamos el concepto de transferencia por medio de la enseñanza de Jacques Lacan. Una vez realizado esto, proce-

1 Estudió Ciencias Sociales y Literatura en Curitiba (Brasil), en la Universidad Federal de Paraná (ufpr). Ha trabajado como escritor y traductor, llevando al portugués autores de renombre como Baudelaire, Huysmans, Mark Twain, Akutagawa Ryunosuke y Strindberg. También ha publicado obras de ficción propias como *A Antibruma*, y publicó en 2016, *3 Ensayos psicoanalíticos*, una antología de ensayos con inclinación psicoanalítica. Ha escrito decenas de artículos en investigaciones relacionadas con el psicoanálisis, la semiótica, el cine y la traducción.

demo a la lectura de *Slow Learner* de Thomas Pynchon teniendo en cuenta la operacionalidad de este fenómeno. Localizamos un síntoma en/de nuestra lectura, problematizamos la transferencia literaria y argumentamos que el inconsciente es aquello que no deja de no escribirse. Discutimos esa for-

mulación y exploramos la escritura como *sinthome*. Concluimos con la discusión sobre la transferencia negativa y nos abrimos a la importancia política de la literacidad.

Palabras clave: lectura, transferencia, inconsciente.

LITERARY TRANSFERENCE IN THOMAS PYNCHON'S *SLOW LEARNER*

Abstract

This paper explores the psychoanalytic concept of transference in the field of literary theory. We formulate the concept of transference from Jacques Lacan's teaching. Following this, we proceed to the reading of Thomas Pynchon's *Slow Learner* by considering whether this phenomenon is operational. We locate a symptom in/of our reading, problematize the literary

transference, and argue that the unconscious is what does not cease to not write. We discuss that formulation and explore writing as *sinthome*. We conclude with the discussion on negative transference and open ourselves to the political importance of literacy.

Keywords: reading, transference, unconscious.

LE TRANSFERT LITTÉRAIRE DANS *SLOW LEARNER* DE THOMAS PYNCHON

Résumé

Cet article explore le concept de transfert en psychanalyse dans le domaine de la théorie littéraire. L'on formule tout d'abord le concept de transfert à travers l'enseignement de Jacques Lacan avant de procéder à la lecture de

Slow Learner de Thomas Pynchon en tenant compte de l'opérationnalité de ce phénomène. L'on identifie ensuite un symptôme dans/de notre lecture et l'on s'interroge sur le transfert littéraire pour soutenir que l'inconscient

est ce qui ne cesse de ne pas s'écrire. posant une ouverture à l'importance
Ces propos sont examinés en explo- politique de la littérature.
rant l'écriture en tant que *sinthome*.
L'article se termine par une discus- Mots clés : lecture, transfert,
sion sur le transfert négatif en pro- inconscient.

Recibido: 5/10/2017 • Aprobado: 16/10/2020

Introdução

Por que certos livros nos atraem como a encarnação textual de uma coisa sublime, acima do fluxo cotidiano dos objetos, capazes de atualizar uma comunicação impossível? A pergunta é a radicalização e a relevação de uma pergunta igualmente fascinante, a saber: como a leitura é possível? Essas indagações, tanto da teoria literária, quanto da fenomenologia, podem ser irrigadas pelo saber da psicanálise, sutura entre a ciência e a arte.

O diálogo entre psicanálise e teoria literária é longo e fecundo, e neste estudo nos propomos explorar a tradução do conceito de *transferência* do ambiente clínico para o espaço da literatura. Para isso, delinearemos teoricamente de forma nítida e precisa a transferência segundo os ensinamentos de Jacques Lacan, formalizador da teoria freudiana, criando um conceito operacional do que seria válido não só no ambiente do consultório, mas também nos contextos de ensino (a transferência está presente nas relações de ensino/aprendizagem) e inclusive na política. Feito isso, leremos *com atenção para nossa própria leitura* (“meta-reflexivamente”) um livro que considerariamos digno de uma transferência positiva, a antologia de contos *Slow Learner* de Thomas Pynchon. Temos uma experiência de leitura já bastante positiva, isto é, prazerosa, com Pynchon, de modos que ele adquire o *status* de um autor para quem seria fácil reunir uma transferência.

Autor tido como grande escritor por críticos reputados como Harold Bloom (2003), Pynchon se apresenta a nós como um autor fácil de estimar e – por que não? – amar. É claro que outros poderiam até mesmo julgar essa transferência difícil, mas a tática teórica deste estudo é bastante evidente, e pede um autor a quem se transfira (positivamente), mesmo que essa transferência (por motivos óbvios, visto que é assunto subjetivo) não se revele dessa forma para um terceiro.

Estaremos, em outras palavras, nos questionando sobre o papel do inconsciente no nosso amor/ódio por um autor. Verificaremos, com o transcorrer da discussão, que essa “transferência literária” existe na sua forma mínima (pura forma vazia) para que ocorra sig-

nificação. A pesquisa sobre o que sustenta a leitura é importante, vai quase sem dizer, não apenas por motivos puramente “afetivos”, mas também porque o letramento de uma população é variável política de extrema importância. Abriremos nossos achados, portanto, para uma indagação mais ampla que se queira capaz de pensar a inserção social da leitura (“transferência literária”) como *sintoma* da democracia.

Contudo, para partirmos para nossa leitura da coletânea de contos *Slow Learner* de Thomas Pynchon, em que ele reúne 5 contos publicados por revistas literárias antes de adquirir reputação como novelista, delinearemos o conceito de transferência da psicanálise tal qual formulado por Jacques Lacan.

Conceitos preliminares: o que é transferência?

A transferência é um dos conceitos fundamentais da psicanálise. Isso a tal ponto que se pode dizer que sem transferência não há análise. Conceito ao mesmo tempo “evidente” e “misterioso”, a presença da transferência também é assinalada em esferas exteriores ao ambiente propriamente clínico, como na sala de aula e nas discussões políticas. Nossa tática no presente estudo envolve postular que também existe algo semelhante à transferência no contexto da leitura literária. Vamos portanto precisar o conceito.

Freud notava em suas análises que ao analisando projetava para o analista uma série de afetos, o que o levou a considerar que ideias inconscientes estivessem em jogo. O analisando poderia ver no analista uma figura paterna, por exemplo, o que o levaria a falar e a agir com relação ao analista de formas reminiscentes à sua relação familiar e afetiva prévia. Nesse sentido, a transferência adquiriria um contorno duplo e paradoxal: ela seria um empecilho ao tratamento e ao mesmo tempo combustível para que o tratamento se realizasse. Pois, por um lado, a transferência conjuraria forças poderosas que o analista poderia manejar; por outro lado, seria um elemento “irracional” e consequentemente obstáculo à análise.

Com Lacan o conceito adquire outros contornos. O psicanalista francês argumenta que a transferência não está, por assim dizer, “no” amor ou “no” ódio que ela suscita. Para ele: “Assim a transferência não resulta de nenhuma propriedade misteriosa da afetividade, e mesmo quando ela se trai sob uma aparente emoção, esta emoção não toma sentido senão em função do momento dialético em que ela se produz” (Lacan, 2011, pág. 99).

Em outras palavras, a transferência de fato se traduz em termos de amor ou de ódio (por vezes bastante intensos), mas não é nisso em que ela consiste. A transferência diz respeito a uma certa posição numa *relação intersubjetiva*. Estamos falando, portanto, de *estrutura*.

A transferência existe em determinado nível ou registro, embora ela se traduza em afetos de um outro domínio. Em termos dos três registros da subjetividade lacaniana, diremos que a transferência se dá no *simbólico*, isto é, no campo da linguagem e das relações hierárquicas entre os significantes, mas que se traduz em afetos no *imaginário*, isto é, no campo da (auto)percepção corpórea, da agressividade e do ego.

Um dos aspectos simbólicos predominantes não seria a repetição? Se uma professora recorda a seu aluno a mãe dele, há alguns aspectos dos significantes que se repetem. Assim, sob o domínio simbólico, a transferência serviria à análise, já que revelaria os significantes da história do analisando. Por outro lado, sob o registro imaginário, a transferência obstruiria a análise, já que despertaria afetos “irracionais”. Com a dupla dimensão simbólico/imaginário, Lacan explicaria o paradoxo da transferência.

É no *Seminário livro 8*, dedicado à transferência, que encontraremos algumas formulações mais precisas da parte de Lacan a respeito do fenômeno. Lacan usa *O Banquete* de Platão como base para suas formulações a respeito da transferência. Sem adentrarmos os meandros do texto platônico, podemos dizer que há um ponto saliente: Alcibíades compara Sócrates a um *agalma*.

Entre os gregos, o *agalma* era uma caixa simples que guardava um tesouro. Lacan lê nessa comparação a relação entre analisando e

analista. Pois o analisando não julgaria o analista um *agalma*, um receptáculo de algo valioso? O analisando enxerga no analista o que, no jargão de Lacan, se costuma chamar por *objeto pequeno a*.

O objeto pequeno *a* é o objeto-causa do desejo. Desejamos porque nos falta alguma coisa, é sempre e somente a partir dessa ausência que criamos nosso desejo por algo: o objeto pequeno *a*, *grosso modo*, seria essa negatividade ou falta “materializada” que desperta o desejo.

Na transferência, o analista ocupa o espaço do objeto pequeno *a*.

Isso é dito claramente: é o bom objeto que Sócrates tem no ventre. Sócrates, ali, não é mais que um invólucro daquilo que é o objeto do desejo. É mesmo para marcar que ele não passa desse invólucro que Alcibíades quis manifestar que Sócrates é, em relação a ele, o servo do desejo, que Sócrates lhe está assujeitado pelo desejo. O desejo de Sócrates, ainda que o conhecesse, ele quis vê-lo manifestar-se em seu sinal, para saber que o outro, objeto, *agalma*, estava à sua mercê. (Lacan, 2010, pág. 222).

Mas é preciso ir além e observar a “verdade” dessa relação intersubjetiva, desse discurso, procedimento que Lacan adotará ainda depois ao tornar mais nítido o conceito. Pois o analista está em tal posição que ele supostamente *saberia*. Ele é um “*sujeito suposto saber*”. O analisando acredita que o analista sabe a verdade a respeito de seu sintoma, a ponto de imbuir qualquer intervenção do analista de significado. O psicanalista Levi R. Bryant menciona a situação em que, numa análise, o analista tosse; é um movimento puramente involuntário e de forma alguma “pensado” para acontecer naquele momento, mas o analisando interpreta aquilo como “significando algo”, como dotado de uma verdade a respeito da relação intersubjetiva em que se encontra.

Sempre que o “amor ao saber” está em jogo, falamos de uma relação transferencial.

A questão é, primeiro, para cada sujeito, de onde ele se baliza para dirigir-se ao sujeito suposto saber. De cada vez que essa função pode ser, para o sujeito, encarnada em quem quer que seja, analista

ou não, resulta da definição que venho de lhes dar que a transferência já está então fundada. (Lacan, 2008, pág. 226).

Assim, por exemplo, é preciso que o aluno veja no professor um “sujeito suposto saber” para então traduzir essa transferência no amor pelo conteúdo do ensino. Dessa forma, a transferência é a atribuição de conhecimento ao outro. Não que isso baste para a análise (é preciso “manejar” essa transferência de forma que o analisando possa descobrir/construir a verdade a respeito de seu sintoma).

É por isso que, por trás do amor dito de transferência, podemos dizer que o que há é afirmação do laço do desejo do analista com o desejo do paciente. (...) É o desejo do paciente, sim, mas no seu encontro com o desejo do analista. (Lacan, 2008, pág. 246).

De qualquer forma, a existência de um “sujeito suposto saber” dispara o fenômeno da transferência. Antes de prosseguirmos à nossa análise do objeto, contudo, gostaríamos de aproximar do conceito de transferência o conceito de *sublime*, já que obviamente a estética está em jogo na experiência da literatura.

Quando o analisando transforma o analista em sujeito suposto saber, ao supor que ele detém um conhecimento inescrutável a respeito da verdade de seu sintoma, as palavras do analista adquirem eficácia (simbólica). A situação paradoxal reside não em que as palavras do sujeito suposto saber conteriam este ou aquele significado – como no caso da tosse involuntária mencionada por Levi R. Bryant – mas que o analisando lê esse significado nelas. O analista que é sujeito suposto saber, ou possivelmente o professor a quem o aluno realiza transferência, ou ainda o líder político a quem seus correligionários “supõem que saiba”, passam a possuir um caráter misterioso, inefável, um certo *je ne sais quoi* – uma qualidade indefinível que torna aquele sujeito *sublime*.

Não é essa, exatamente, a reação do espectador perante a obra de arte? Não julga o apreciador que esta ou aquela música, ou esta ou aquela pintura, possuem justamente um “x” indefinível que as eleva do fluxo cotidiano de objetos? As palavras e atos do sujeito suposto

saber se aproximariam do sublime devido ao “efeito linguístico” de sua posição na estrutura intersubjetiva. Isso é bastante relevante em termos de uma fenomenologia do objeto literário.

Nossa premissa é de que existe uma transferência que o leitor projeta para o texto, e que parte do “funcionamento” do “mecanismo” literário envolve manejar essa transferência. Leremos um livro de contos de Thomas Pynchon, *Slow Learner*, buscando observar o fenômeno da transferência.

Slow learner de Thomas Pynchon

São necessárias algumas “intromissões subjetivas” para focalizar estruturalmente a leitura que realizamos de *Slow Learner* de Thomas Pynchon. O próprio livro físico em que o lemos é marcado afetivamente, isto é, em sua efetiva materialidade. O exemplar foi presente de um amigo do autor deste artigo que, voltando de viagem de estudos aos Estados Unidos, trouxe o livro como *souvenir*. O frontispício da obra contém uma dedicatória desse amigo (“Por nossas velhas histórias”). O próprio autor deste artigo havia pedido um livro de Pynchon como lembrança (já que havia lido *Vineland* previamente), isto é, o significativo “Thomas Pynchon” já adquirira *status* literário em nossa experiência. A vivência do autor deste artigo com *Vineland* havia sido marcadamente positiva. Assim, pode-se dizer que, em termos transferenciais, a leitura já começa com uma bagagem afetiva imiscuída de expectativa (de que o autor *repetiria* sua literatura criativa) e de amor.

Slow Learner é uma coletânea com os cinco primeiros contos de Thomas Pynchon, publicados em revistas antes que ele adquirisse reputação como romancista. A “configuração transferencial” da obra é dupla e bastante simples: uma introdução, em que Pynchon contextualiza os contos que serão lidos (em que o autor fala “com sua própria voz”), e os contos propriamente ditos. A coletânea adquire colorações alegóricas à luz do “experimento” desta leitura em que notamos a transferência, no sentido em que a introdução em que Pynchon contextualiza os contos releva sua posição de “sujeito suposto saber”.

Por um lado, Thomas Pynchon comenta cada um dos contos isoladamente e menciona o que entende como deficiências de cada um; paradoxalmente, ao “menosprezar” seus contos de juventude, Pynchon se coloca numa posição de “sujeito suposto saber” da literatura. Uma afirmação da introdução nos chama a atenção (que tomamos a liberdade de citar sem traduzir): “*Apprentices in all fields and times are restless to be journeymen*” (Pynchon, 1985, pág. 22). Isto é: o autor caracteriza essas obras como trabalhos de principiante (*apprentice*), mas que já contêm ou que podem conter em si (“inquietamente”) sua superação dialética, o *Aufhebung* que as eleva ao estatuto de obras-de-arte maduras, “viajadas”, veteranas (*journeymen*). Voltando à construção material do livro, as próprias citações elogiosas de quarta capa remetem a essa dialética “aprendiz/mestre”. Diz Edward Mendelson do *New Republic*: “(...) leitores encontrarão um espetáculo exuberante da grandeza que descobre seus poderes” (Pynchon, 1985). Em termos lacanianos, o autor se apresenta a nós sob o discurso do *mestre*, ainda que o do mestre em momento de humildade (objetiva).

Procedendo à leitura dos contos, verificamos que de fato as carências apontadas por Pynchon na introdução são adequadas, ou, pelo menos, cabíveis; ainda assim, não tiram de forma alguma o prazer da leitura. Pelo contrário, a contextualização pynchoniana nos preparou para ler os contos prestando especial atenção à construção e à “armação” literária, aos “tijolos” do *métier*.

Então, na página 87, algo bastante peculiar acontece. Nós nos deparamos com a palavra “*reëvaluation*” (Pynchon, 1985, pág. 87). Chama-nos a atenção o diacrítico. A grafia correta da palavra “reavaliação” em inglês é “*reevaluation*”, e não “*reëvaluation*”. Aqui entra em cena a dialética do gesto significativo (como no caso da tosse involuntária do analista que é interpretada como significando algo), isto é, perguntamo-nos pela intenção do autor. Trataria-se de um erro de revisão banal e qualquer, dos quais nunca se consegue escapar mesmo na edição dos melhores livros? Ou trataria-se de uma sutileza num texto repleto de neologismos, estrangeirismos e representações da linguagem oral? Precisamos – ironicamente – “reavaliar” a construção material do texto?

Mais importante do que saber se o diacrítico nessa palavra é um erro de tipografia ou não, é o fato de que *nossa leitura (transferencial) nos conduziu a levantar esse tipo de questão*. Para nós, Thomas Pynchon é um “sujeito suposto saber” literário e fomos levados a questionar se a intenção da transmissão desse saber “confere” com a linguagem *qua* materialidade do suporte físico em que a obra se atualiza. Em outras palavras, a transferência que realizamos para o significante Thomas Pynchon no processo da leitura de sua obra se volta “para o saber” com a valorização de uma intencionalidade que lhe imputamos. É curioso que o significante “reavaliação” adquira um caráter quase *auto-performativo*, já que se transforma no substantivo de seu próprio substantivo, que realiza a ação de sua ação. Afinal, não é o próprio Pynchon quem, relendo os contos décadas depois de publicados, e reunindo-os para reimpressão, realiza uma reavaliação? Voltaremos a este ponto.

Diremos com outras palavras que nossa leitura encontrou o Real do texto, sendo a reavaliação que se reavalia o nosso significante-mestre. *Nossa leitura* (e poderia ser diferente com outro sujeito) considerou o diacrítico um erro de digitação, e prosseguimos a leitura até formar um *Gestalt* da obra. Mas é plausível (e isso ocorre diariamente nas salas de edição) interromper a leitura e *determinar* se é um erro *ou* se é intencional. Essa é, propriamente dizendo, uma leitura no sentido forte da palavra, em que é preciso *decidir*. O Real de um texto é tudo o que ele *não* diz. A interpretação é uma espécie de realização textual e, em termos de transferência, estipulamos certo campo de saber para um texto. Esperamos um certo retrato de problemas políticos norte-americanos contemporâneos em *Slow Learner* de Pynchon, por exemplo. Mas o Real é infinito. Para nos apropriarmos de um termo de Hegel, há também um “infinito ruim”, isto é, há interpretações que patologizam o Real ao invés de realizarem o sintoma. O enigmático diacrítico (“erro de digitação”) no nosso objeto é precisamente um sintoma de nossa leitura; foi graças à transferência com que investimos o texto de Pynchon que podemos “pôr os pingos nos is” da reavaliação encenada/produzida. Com isso também, do ponto de vista subjetivo, tornamo-nos sujeitos que *reavaliam* sua leitura de Pynchon, inscrevendo-nos, ainda que humildemente, no rol de seus comentadores.

A transferência se concluiu. Investimos o significante “Thomas Pynchon” de um “sujeito suposto saber”, realizamos com isso uma leitura que produziu um sintoma que, por sua vez, gerou uma nova subjetividade. A transferência nos permitiu realizar uma leitura analítica da obra, leitura que não é propriamente uma crítica (no sentido em que não procedemos a uma reavaliação da reavaliação, apenas a assinalamos *qua* sintoma).

Retomemos o ponto em que nos perguntávamos se não era o “próprio Pynchon” quem realiza uma reavaliação. Quando *reconhecemos* (simbólico) a “reavaliação” como significante-mestre dessa leitura, e não simplesmente a identificamos (imaginário), também procedemos a uma operação reflexiva. No caso da clínica analítica, se a transferência se dá, ela se dá entre sujeitos (e não apenas “egos”) de uma *fala plena*, em que os falantes podem se reconhecer em sua universalidade e em sua particularidade. Isso é propriamente compartilhar uma linguagem.

Ora, nem toda leitura é marcadamente transferencial. Mas há um mínimo em que é preciso imputar um “sujeito suposto saber” para que simplesmente haja *significação*. Na formulação mínima, precisamos pelo menos de um “sujeito suposto”. Por outro lado, quanto mais estamos inseridos numa relação intersubjetiva em que encontramos um “*agalma*” no outro, mais sublime ele nos parece. Na nossa leitura de Pynchon, pudemos reconhecer o “auge do sublime” no quinto conto da coletânea, *The Secret Integration*. Poderia-se argumentar que *sua posição* no movimento da dialética do sintoma (“reavaliação”) explicaria a impressão.

Podemos resumir nossos achados na Tabela 1.

Tabela 1. A transferência literária

	<i>Saber</i>	<i>Desejar</i>
<i>Real</i>	Sintoma	Sublime
<i>Texto</i>	Significado	Linguagem

A dimensão do desejo existe num texto a partir de sua linguagem, mas é o Real de um texto que lhe confere seu aspecto sublime. Igualmente, seu significado é matéria do que dele se sabe, e é quando o Real irrompe que se cristaliza um sintoma (“significante-mestre”).

Podemos agora formular a tese central deste artigo: *o inconsciente é aquilo que não cessa de não se escrever* (Lacan).

Discussão

Mesmo para o senso comum, o conceito de inconsciente é a “marca registrada” da psicanálise. Freud inaugurou um paradigma teórico ao postular que existiria algo inacessível à consciência subjetiva, mas que se manifestaria indiretamente (lapsos linguísticos, piadas, atos falhos). A existência do inconsciente é uma das “feridas narcísicas” à Razão (junto com a de Copérnico e a de Darwin) desferida pela psicanálise.

Inicialmente, Freud acreditava que seria possível encontrar uma cura causal através da análise, mas aos poucos o pessimismo o conduziu a acreditar em análises “intermináveis”. Conduzimo-nos, assim, a problematizar o fim da análise – e paralelamente *o fim da crítica* –, tendo definido o inconsciente, afinal, como um *nec plus ultra* da escrita. Além do inconsciente não se escreve; antes, a cada palavra que o sujeito grafa, o inconsciente se coloca “atrás”, empurrando-o com tudo que não cessa de não se escrever, ou “à frente”, puxando como uma corda para o imenso abismo voraginoso do Real.

Lacan, nos anos tardios, passa a equacionar o fim da análise com a identificação com o sintoma. Para isso, menciona James Joyce, que teria transformado a escrita num suplemento ao nó borromeano (da subjetividade), criando um quarto elo (o *sinthome*) que impedia sua precipitação psicótica. Em outras palavras, Joyce teria *se escrito* até o ponto final da análise – sua escrita o havia “curado”. Diz o filósofo esloveno Slavoj Žižek:

Joyce é ‘o indivíduo’ para Lacan na medida em que ele consegue se subjetivar ao (parcialmente) individualizar *objet petit a*, a falta no Simbólico; o indivíduo não é o Um ideológico mas está no lugar da modalidade do Um, outra (não-psicótica) maneira de habitar o Simbólico, ‘partindo’ de sua falta real. (Žižek, 2006, pág. 357).

Nesse sentido, Lacan afirmou que Joyce não precisaria de análise, ele teria criado uma maneira *absolutamente idiossincrática* de lidar com o *objet petit a*, com a realidade concreta do gozo, individualizando-se em *saint homme*. Em termos do que viemos chamando de “transferência literária”, o inconsciente impulsiona o Real do texto e, quando “toca” o *objet petit a*, no ponto do sublime, manifesta-se como atualização *da falta* (essa que, segundo Žižek, Joyce traduzia entre Simbólico e Real). Isso torna um texto *legível*. A leitura não está nem no texto nem no sujeito leitor, mas num encontro entre o desejo do escritor e o desejo do leitor, que vão “habitar o Simbólico” (como diz Žižek). A escrita como *sinthome* permite ao sujeito escritor “ser seu próprio pai” (como Antonin Artaud reivindicava para si) no Simbólico, uma suplência haurida do inconsciente e, portanto, do Real. Para o leitor, por outro lado, o mais sublime dos textos equilibra-se sempre numa impossibilidade de dizer tudo que não cessa de não se escrever, (“engessado” pela lógica do *objet petit a*), distorção que cria efeitos na materialidade textual e está sempre aberto a incursões do Real.

O escritor, o (como diria Pynchon) *journeyman*, desbrava uma escura do inconsciente que o leitor reatualiza. A transferência literária culmina na *crítica* (assim como a psicanálise na “cura” ou o marxismo na “revolução”) como fantasia de paternidade. O crítico sempre atualiza o desejo (impossível) de ser pai de um texto na crítica, desejo esse de que o escritor precisa abrir mão para completar a materialidade textual na falta Simbólica da leitura. Quando localizamos o enigma diacrítico (“erro de digitação”) no texto de Pynchon *qua* sintoma, somos lançados a uma abertura para significar (via transferência literária) o que *diz* aquele sintoma. Significando, entramos sempre já no terreno de uma paternidade do texto, pois mesmo o menor ato de revisão já envolve não uma disputa pela “autoria”, mas a escrita atualizada do Nome-do-Pai (no Real).

Abrimos, portanto, um campo para a escrita, a crítica, a tradução, o comentário, a revisão, a roteirização, a diagramação, a edição, a paráfrase, a glosa e outras modalidades de haurir do que não cessa de não se escrever, em que a função paterna é possível *na falta* do puro não-sentido do gozo, ou, dito de outra forma, escrever é um espaço onde *é permitido não gozar* (como poderia dizer Alain Badiou). Isso põe o sintoma a salvo do superego.

O capitalismo é uma imensa máquina de transformar angústia em culpa. A condição ontológica do desejo significa que precisamos sempre sustentar fantasmaticamente essa falta. Quando o *objet petit a* “tampa” nossa fantasia, quando ele está excessivamente próximo, o resultado é a angústia. Aqui, não há um espaço ou um vão de onde desejar. Idealmente, dois seres falantes podem trabalhar essa angústia e um sujeito, tomando consciência de seu desejo, pode manejar essa “falta da falta”. Ora, a mercadoria é a satisfação de uma necessidade. E a angústia torna o desejo uma necessidade. Sob o capitalismo, a mercadoria é o coroamento da angústia, ela é sua conclusão “lógica”. As multidões consomem as mercadorias para criar uma falta, para abrir um espaço da sua angústia. Torna-se socialmente necessário produzir essa angústia, por um lado, e, por outro, essa mercadoria *frustra* o sujeito, já que foi consumida como falta e não como satisfação de necessidade. A mercadoria real é a lembrança constante da traição do desejo, isto é, vira culpa. Quando mais o consumidor consome, mais culpado se sente. O superego intermedia essa tradução de angústia em culpa com seu feroz comando de gozo.

O que nossa exploração sobre a transferência literária descortinou é a possibilidade de uma escrita *qua sinthome* onde *é permitido não gozar*. Aqui, a escrita vira suplemento que “ata” o nó borromeano via quarto elo sem sacrificar ao superego. Em outras palavras: não precisamos responder a todas as cartas (*letter* - letra) que nos enviam, nem tampouco precisamos nos frustrar quando não respondem às cartas que escrevemos. Se, como quer Lacan, todas as cartas chegam a seus destinatários, já está de bom tamanho. A escrita impede a precipitação autística na voragem do Real como momento haurido daquilo que não cessa de não se escrever, e o espaço aí criado, se nem sempre cômodo, é ao menos respirável. A crítica é o acolhimento *amoroso* de

todos os Joyces-sintomas na materialidade da linguagem cujo sentido *não* se atualiza na falta do Simbólico, mas, antes, apontam para o Um em sua “modalidade” (Žižek) não-psicótica. Esse é o “encargo salvífico” de que fala Walter Benjamin, tratando da tradução, mas que poderia se referir à crítica.

A “transferência literária” nada mais é que o pacto que dois seres desejanter fazem para significar. A interminável discussão a respeito da natureza desse pacto é uma fala esvaziada (imaginária) que se atualiza sob a forma de angústia de influência e leituras anêmicas, mas mesmo a discussão poética “entre poetas”, é, ainda, um foco deslocado do Real – porque o que não cessa de não se escrever é um *movimento eterno*. Que dois seres humanos possam se encontrar, às vezes separados por distâncias, às vezes separados por séculos, sob o abrigo frágil do Nome-do-Pai, atesta para o caráter miraculoso da escrita e sua disposição redentora, alheia a qualquer religião como inscrição do Um no Real. O heroísmo da significação está precisamente na sua *ciência* do gozo, ao qual não se rende, e na *arte* com que se constrói “autopoeticamente” a partir da falta no Ser.

O princípio psicanalítico da crítica é sua abertura para o infinito, sua disposição para sempre remendar esse “abrigo frágil”. A transferência literária é a petição de princípio do que não principia. Ela é a origem que a origem não reúne. Escrever sobre ela é já cair no reino do paradoxo, da anfibologia, do que o Simbólico pode comportar como falta que mascara, condena e/ou releva o Um. A transferência literária para no *point de capiton* em que o sentido encontra seu *point of no return*, isto é, nunca.

Conclusão

Walter Benjamin louva como teoricamente fecunda a mistura entre obras de arte “de alta classe” e elementos populares e da indústria cultural dos mais “descartáveis”. Para concluir, levando em conta esse conselho benjaminiano, queremos recorrer a uma cena de um filme – rigorosamente descartável – chamado *Invocação do Mal 2* (2016).

Na cena em questão, a heroína da película adormece tendo uma Bíblia no colo. Ela sonha com um demônio. Nisso, ela desperta gritando e rasurando sua Bíblia. Mais tarde, já em vias de enfrentar o ser (na “realidade”), a heroína percebe que precisa saber *o nome* dele se quiser exorcizá-lo e, retrazendo seus passos, percebe que o que havia rasurado sobre as páginas das Escrituras era justamente o nome do demônio.

Essa situação é alegórica em termos da “transferência literária” que exploramos neste artigo, afinal, o “demônio” da transferência também pode despertar um afeto negativo (ódio), em última instância – como no estalinismo – criando a necessidade de se falsificar o que estava escrito, ou, – como no nazismo – de destruir materialmente os livros. Porém, assim como na cena do filme é significativo que o nome do demônio seja rabiscado *na Bíblia*, como uma espécie de *coincidentia oppositorum*, na transferência literária negativa ainda é algo importante (como o nome demoníaco é crucial em termos narrativos do filme) que o leitor transfere para aquele encontro. O pedagogo atento prestará atenção aos textos que despertam resistência entre seus alunos, da mesma forma que é sinal de maturidade de um leitor o questionamento sobre a procrastinação ou evitação de uma leitura. Assim, um dos pontos da nossa conclusão é de levantar as dificuldades de transferência também como dimensão significativa na/da leitura.

Para trazermos nossa conclusão a um *point de capiton* mais propriamente político, é preciso lembrar a situação da leitura no Brasil. Segundo o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa (dados de 2012), cerca de 3 em cada 4 brasileiros são analfabetos (funcionais) (Ferreira, 2006, pág. 46). Estima-se que até cerca de metade dos estudantes universitários brasileiros sejam analfabetos funcionais, incapazes de separar num texto curto o que é “opinião” do que é “fato”, ou de interpretar um gráfico simples.

É difícil comentar esses dados devido à imensidão do contingente considerado. O brasileiro, via de regra, vive num mundo que é incapaz de decifrar, que não pode ler/escrever e que, conseqüentemente, adquire uma aura “mágica” de coisa impossível de ser transformada. As conseqüências políticas são tremendas. No Brasil, 75 % da popula-

ção é incapaz de ler uma mera notícia de jornal em linguagem simples que comente a situação política atual. A conjuntura, parece-nos, é de questionar *o que afinal significa democracia* numa condição dessas, é de fazer da democracia *sintoma*.

Não pode haver liberdade política no contexto contemporâneo sem letramento. Esperamos que a presente pesquisa, ao descortinar a dimensão do inconsciente, abra um espaço para interrogar a dinâmica da leitura, prática esta inserida num vetor afetivo, mas também, é preciso repetir, político. Esperamos que este artigo, destarte as abstrações necessárias nas quais incide, sirva também como estímulo à *prática* da leitura e à reflexão sobre os caminhos do letramento.

Referências

- Bloom, H. (2003). *Thomas Pynchon*. Chelsea House.
- Ferreira, V. S. (2006). *Assassinaram a Educação Pública*. Clube de Autores.
- Lacan, J. (1997). *O seminário: livro 7: a ética da psicanálise*. Antônio Quinet, Trad. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2011). *Escritos*. Perspectiva.
- Lacan, J. (2010). *O Seminário livro 8. A transferência*. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Editor.
- Pynchon, T. (1985). *Slow Learner*. Brown and Company.
- Žižek, S. (2006). *Lacan: The Silent Partners*. London: Verso.

Filmografia

- Wan, J. (2016). *Invocação do Mal 2 (The Conjuring 2)* [filme]. New Line Cinema.